

“Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.”
Lygia Clark, “Nós somos os propositores”, Livro-obra, 1964.

**CCBB EDUCATIVO BRASÍLIA:
As histórias que constroem mediação**

Karen Montija e Natália Vinhal

Investimos na educação não-formal como conhecimento a ser adquirido através da instrumentalização à leitura de imagem/objeto, por aqueles que visitam espaços culturais. A proposta é um trabalho de acessibilidade e aproximação entre obras Artísticas/Patrimoniais, mediando sua contextualização histórica e social, e público espectador com os mais diferentes repertórios.

O CCBB Educativo é uma proposta interdisciplinar de mediação que articula as exposições em cartaz com atividades de música, cênicas e artes plásticas para além da visita. Essa proposta para programação de ações educativas também está na organização da equipe, em sua formação acadêmica e cultural e nos grupos de pesquisa. Esse é um projeto em desenvolvimento no CCBB Rio de Janeiro desde 2006, CCBB São Paulo desde 2008, CCBB Belo Horizonte desde 2013 e CCBB Brasília a partir de 2014.

CHEGANDO EM BRASÍLIA

Público Visitante e as Ações Educativas de Final de Semana

Quando se chega ao CCBB de Brasília, o tamanho de seu prédio e de sua área verde impressiona de imediato. São cerca de 20 mil m², com pelo menos sete espaços expositivos distribuídos por toda sua extensão. Entre teatro, cinema e galerias o público se divide e visita a instituição que é uma das principais referências de arte e cultura de todo o Distrito Federal.

Ao implementar o projeto no CCBB Brasília, nosso primeiro passo foi entender a dinâmica existente entre o público espontâneo do CCBB e as exposições em cartaz, pois são para elas que direcionamos todo o nosso trabalho. Entendendo que a mediação tem como ponto de partida o visitante, não bastava aplicar nos finais de semana as atividades com os mesmos

formatos que já implementamos em educativos de outras cidades. Era necessário perceber e estudar com atenção os potenciais e desafios que o espaço, o público e a própria Brasília desenhavam entre si.

Potencial de Final de Semana
Família é o principal público espontâneo visitante do CCBB durante o dia e permanece por algumas horas no espaço.
Grande número de crianças com até 7 anos de idade Galerias de arte distribuídas por toda extensão do Centro Cultural
Grande área verde
Patrimônio Arquitetônico

Desafios
Famílias frequentadoras passam horas no CCBB, mas muitas vezes se atêm ao espaço aberto (parque), e não visitam as galerias
Crianças e adultos envolvidos em brincadeiras e pic-nic ao ar livre, muitas vezes sem disposição para visitar as galerias (espaço fechado)
Distância entre as galerias

CONTANDO HISTÓRIAS, VIVENDO EXPERIÊNCIAS

Em Cantos e Contos

Com o distanciamento entre muitos visitantes e o espaço expositivo coube ao CCBB Educativo um posicionamento direcionado à formação de público, indo até ele com uma abordagem convidativa ao contexto da exposição. Mas não poderia ser qualquer convite. Era necessário trabalhar com algum dispositivo familiar, acolhedor e - por que não? - divertido!

Trouxemos então, para debaixo de uma árvore em meio ao imenso gramado, local favorito das famílias, uma atividade bem sucedida também em outras capitais: “*Em Cantos e Contos*”. Esta ação objetiva mediar a exposição com contação de histórias, através do faz-de-conta, instigando o visitante a ter um novo olhar sobre as obras de arte em cartaz. Quando nos transportamos para o papel de ouvinte de uma história, estamos compactuando com a ficção, ou seja, vivendo uma experiência. Nesta atividade, os educadores também utilizam bonecos,

objetos cotidianos com novos significados e músicas para apresentar contos e histórias populares.

“Em Cantos e Contos”, é hoje a atividade de maior público do CCBB Educativo até por abranger todas as idades. Muito bem recebida pelos brasilienses, essa ação mostrou-se também um instrumento inicial eficaz de mediação. Certa vez, após o conto de como surgiu a boneca russa matrioska, a educadora se voltou para público e perguntou: “*E vocês sabiam que esta história veio lá da Rússia, igual o artista que fez todas as obras que estão lá na galeria? O nome dele é Kandinsky!*” – e um pequeno visitante respondeu: “*Eu vou lá ver! Será que tem alguma boneca dessa por lá?*”

Livro Vivo

Não apenas de novos formatos para atividades já elaboradas se fez o educativo de Brasília. Nosso trabalho também se desenvolveu através das características e particulares da equipe. Durante a exposição “*Experiência da Arte*”, diante da obra de Vik Muniz em que o artista trabalha com chocolate uma figura ora parecida com um pato ora parecida com um coelho, uma de nossas educadoras trouxe para sua mediação o livro “*Pato Coelho*”, de Amy Krouse Rosenthal. Estávamos difundido o livro como objeto de mediação em nossa visita.

Com integrantes na equipe potencializados para a mediação de livro, investimos na proposta e na capacitação de todos para a criação e aplicação do *Livro Vivo*, atividade de também ganhou os gramados do CCBB DF, reunindo a família e aproximando a história literária o conteúdo da exposição em cartaz.

Adultos e crianças, em torno de um simples objeto, ao alcance das mãos, as páginas que viram despertam diante dos visitantes a vontade de encontrar-se com o livro, descobrindo os encantos das palavras e ilustrações de uma maneira diferente da leitura individual.

Em “*Kandinsky: tudo começa num ponto*”, o livro mais mediado para as famílias foi “*O ponto*” de Peter H. Reynolds, que conta a história de Vasti, a menina que dizia não saber desenhar, mas que descobriu com a ajuda de sua professora uma infinidade de histórias que podia contar se começasse com um ponto.

Pequenas Mãos

Outra característica marcante do público que visita o CCBB DF espontaneamente são as famílias com crianças de até 7 anos de idade. Para elas trouxemos a atividade “*Pequenas Mãos*”, com foco em crianças na faixa de 3 a 6 anos e a seguinte questão: como criar

momentos que proporcionem o contato com a obra, a descoberta de novos olhares e a experimentação de forma significativa para os pequenos visitantes?

É investindo nas brincadeiras que esta atividade vem trabalhando conceitos presentes nas exposições, mostrando que, ao contrário do que muitos pensam, também podemos aprender por meio delas! Na exposição *“Kandinsky: tudo começa num ponto”*, por exemplo, a forte ligação do artista com São Jorge, o herói sobre seu cavalo, foi o recorte escolhido para se mediar nesta atividade. As crianças montavam um cavaleiro de pau e seguiam até a galeria para encontrar outros cavaleiros que habitavam os quadros do artista. Certa vez, a educadora perguntou diante de uma obra abstrata de Kandinsky: *“E aqui pessoal? Vocês encontraram mais algum cavaleiro?”*. E pequeno visitante, certo de si, respondeu: *“Tem sim, mas ele está meio bagunçado!”*.

Musicando

A atividade do “Musicando” tem a intenção de expandir a percepção auditiva dos participantes e encorajá-los a ouvir e pensar sons e músicas de maneira mais ampla. Para participar, não é necessário saber tocar um instrumento ou cantar como um profissional. O que vale são as experimentações sonoras.

Quando esta ação chegou em Brasília, pensamos em seguir o formato habitual da atividade e contemplar a faixa etária de crianças acima de 7 anos. Logo depois, percebemos que deixar a atividade livre para todas as idades era a escolha mais acertada, vide os resultados e a aceitação do público com “Em Cantos e Contos” e “Livro Vivo”. Portanto, adaptou-se a experimentação sonora para um plano de ação mais lúdico.

O “Musicando” então também ganhou o gramado do CCBB com um cortejo inicial que convida o público a seguir cantando com os educadores até a sala do Educativo, onde uma grande atividade não apenas sonora, mas também visual o esperava.

Laboratório de Artes Visuais

Um educativo que tem como base as artes visuais não poderia deixar de desenvolver uma ação em que colocamos a mão na massa. Através de diferentes suportes, o visitante pode experimentar várias técnicas possíveis para construção de uma obra de arte e brincar de ser artista.

Esta também foi mais uma atividade que pôde ser aplicada em Brasília, mas com novo formato. O “Laboratório de Artes Visuais” brasiliense expõe seus resultados artísticos do lado de fora da sala educativa. Novamente, levamos para a área externa do CCBB DF mais uma ação que aproxima o conteúdo da exposição com uma experimentação educativa e artística.

Em *Ciclo: Criar com o que temos*, desenvolvemos uma proposta com palitos de churrasco, baseados na obra “Modelo para Sobrevivência” de Julia Castanho, para criar módulos que formam uma grande escultura coletiva. E é justamente ao ar livre, que as famílias montam e criam arte, experimentando o processo de um artista.

Considerações Finais

Segundo John Dewey, “aprendemos quando compartilhamos experiências.” Em um mundo cada vez mais globalizado, onde a televisão e a internet são os meios de comunicação mais utilizados, projetos socioculturais tornam-se cada vez mais necessários por difundir outras linguagens artísticas e também por propiciar experiências diversas que podem se transformar em novos conhecimentos.

O Centro Cultural Banco do Brasil insere-se na globalização com a presença física em quatro capitais brasileiras e com uma programação internacional em artes visuais, música e teatro. Um CCBB Educativo unificado, que propicia o intercâmbio entre as equipes e uma identidade na sua proposta pedagógica com adaptações locais, se posiciona como um ponto de encontro de compartilhamentos e produção de novos conhecimentos.

O Projeto CCBB Educativo – DF – corrobora apresentando-se como um canal que, através de diferentes atividades, oferece caminhos concretos e circunstâncias favoráveis para que o espectador possa estabelecer diferentes relações com as obras expostas. Assim sendo, o educador não transmite informações para os visitantes, mas cria possibilidades de diálogos com tudo que o cerca no seu cotidiano. Através da experiência, o visitante percebe, além do prazer artístico, uma possibilidade de crescimento, baseada na sua liberdade interpretativa e na construção de sua autonomia.